

# A IMPORTÂNCIA DA (INTER) RELAÇÃO ENTRE A CULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Helen Costa Coelho<sup>1</sup>

## RESUMO

*Este artigo tece considerações sob a perspectiva do desenvolvimento regional, com o objetivo de apresentar uma análise das ideias que permeiam a discussão sobre as (inter) relações existentes entre os aspectos culturais e o desenvolvimento econômico em linhas gerais no Brasil e em especial no Estado do Amapá, a análise se dá através de uma analogia das ideias defendidas por alguns teóricos como Amartya Sen, Dermeval Saviani, Juca Ferreira, Piedade Videira entre outros. No decorrer do discurso, são abordados aspectos de muita relevância tais como a importância dos aspectos culturais para o pleno desenvolvimento do Estado do Amapá, em especial a influência da cultura negra, pelo fato desta representar a maioria da população amapaense, como o negro é visto perante a sociedade e o que se deve fazer para tentar promover um bem comum que atenda as necessidades socioeconômicas da comunidade amapaense.*

*PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento, Cultura, e Educação.*

---

*1 - Licenciada Plena em Letras com Habilitação em Frances, Esp. em Linguística, Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá e Doutorado em Estudos Linguísticos pelo PPGL/UFPA.*

## INTRODUÇÃO

Cultivar é ordenar e sistematizar um conhecimento nascido de um conjunto de valores, transformando-o em uma ou mais práticas. Não se pode duvidar de que o desenvolvimento de uma sociedade humana é a tradução mais corriqueira de um processo civilizatório mais amplo. Projetar o desenvolvimento de uma sociedade é, em última instância, idealizar um modelo de civilização.

Assim, o conhecimento que acumulamos ao longo do tempo, seja ele espiritual ou material, está limitado por uma visão de mundo ou pela possibilidade de superação. Como vemos, é a cultura, em suma, que lhe dá os contornos e as coordenadas para a sua ampliação.

Na verdade, a cultura está presente em toda a trama social. A cultura humana é tudo o que resulta da ação humana e de suas interferências sobre o mundo. É tudo o que torna visível o pensamento do Homem sobre si mesmo e sobre o ambiente que o cerca. Portanto, todas as nossas práticas sociais são diferentes formas de concretização da cultura de que a sociedade amapaense faz parte.

## DESENVOLVIMENTO SOB A PERSPECTIVA DE LIBERDADE

Desde o início das primeiras civilizações, a economia sempre foi vista como fator essencial para a efetivação do desenvolvimento nas sociedades existentes e que com o passar dos séculos foi evoluindo e se caracterizando de maneira diferente com o intuito de atender as necessidades básicas para o pleno desempenho.

Diante desse contexto, é necessário inserir a relevância das reflexões sobre a necessidade de se promover a liberdade em prol do desenvolvimento econômico das áreas em plena fase de expansão comercial. Nesse sentido, não se pode deixar de registrar a menção honrosa a um autor da extrema importância, como Amartya Sen que em sua ideologia resgata a visão humanista da economia e recoloca na agenda da discussão, em condição de absoluta prioridade, a relação entre ética e economia, como fator preponderante ao desenvolvimento:

*Se a liberdade é o que o desenvolvimento promove, então existe um argumento fundamental em favor da concentração nesse objetivo abrangente, e não em algum meio específico ou em alguma lista de instrumentos especialmente escolhida. Ver o desenvolvimento como expansão de liberdades substantivas dirige a atenção para os fins que o tornam importante, em vez de restringi-la a alguns dos meios que, inter alia, desempenham um papel relevante no processo (SEN, 2000, p. 17 -18).*

Nota-se que as questões econômicas não são apenas questões de praticidade e eficiência, mas também de moralidade e justiça. As questões éticas não são apenas de valor e intenções generosas, mas também de lógica fria e exequibilidade. Diante de tal reflexão, pode-se afirmar que a economia desligada da ética é cega e esta por sua vez (a ética) desligada da economia é vazia. O surpreendente não é que a teoria econômica e a reflexão ética voltem a caminhar juntas, mas que tenham permanecido divorciadas e incomunicáveis entre si por tanto tempo.

*O desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidade econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferên-*

*cia excessiva de Estados repressivos (SEN, 2000 p. 18).*

Em contra partida, Sen (2000) esclarece que a privação da liberdade está estritamente vinculada à carência de serviços públicos básicos ofertados a população, em outras palavras, como diz o próprio autor a violação da liberdade resulta diretamente de uma negação de liberdades políticas e civis por regimes autoritários e de restrições impostas à liberdades participar da vida social, política e econômica da comunidade.

Entretanto, no que se refere especificamente, à maior abrangência do fenômeno do desenvolvimento em comparação ao do crescimento econômico, Sen não chega a ser propriamente original, uma vez que diversos estudiosos economistas contemporâneos, entre os quais tiveram a mesma posição, ao enfatizar a importância da liberdade como componente fundamental do desenvolvimento, porém ele foi abordou o tema com mais propriedade. Sen (2000) dedica-se à explicação desse aspecto, magnificamente ilustrado na afirmação “ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento”.

A influência de Amartya Sen nesse campo do conhecimento econômico não se limitou ao plano teórico, uma vez que juntamente com Mahbub ul Hak, ele foi o criador, em 1989, do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), um indicador que passou a ser aceito no mundo todo como a principal referência para definir o grau de desenvolvimento de um país. Tal indicador, mais amplo - e por isso mesmo - mais fiel do que os até então utilizados, considera três variáveis para efeito de cálculo: o nível de renda, a educação (captada através da taxa de alfabetização e da taxa de matrícula nos três níveis de ensino), e a saúde (captada pela esperança de vida).

Diante do exposto, vale ressaltar que há alguns anos as Nações Unidas fazem uso, em seus Relatórios sobre o Desenvolvimento Humano, a ênfase sobre o acesso

pleno à cultura como fator importante para a avaliação da qualidade de vida. Essa inclusão da pauta cultural na agenda de desenvolvimento ganhou destaque pelo fato do reconhecimento de alguns países de grande potência sobre a importância dos aspectos culturais como elementos estratégicos para o pleno desenvolvimento de uma sociedade em processos criativos e simbólicos. Além de apresentá-los como uma parte das contribuições dos Estados nacionais em pelo século XXI, enquanto realização efetiva dos direitos humanos e dimensão fundamental do desenvolvimento.

### **A (INTER) RELAÇÃO DA CULTURA E O DESENVOLVIMENTO**

Neste início de século, o contexto internacional é marcado por significativas reconfigurações geopolíticas e econômicas que abrem novas oportunidades para os países como o Brasil, ensejando reais possibilidades de desenvolvimento, protagonismo e inserção soberana em um contexto marcado pela crise da atual ordem mundial.

Atualmente, o Brasil encontra-se num contexto histórico formado diante de grandes desafios. Onde, segundo as novas perspectivas de melhorias, o país visa dar continuidade à consolidação do atual ciclo de crescimento social e econômico, para que nosso desenvolvimento se torne longo, duradouro e sustentável. Mas, para que isto ocorra, é incontornável o aprimoramento da maneira de pensar e agir para colocar em prática as novas estratégias de um novo tipo de desenvolvimento, pautado na liberdade defendida por Amartya Sen.

Para tanto, para que haja efetivação na mudança no comportamento da população brasileira e também pelo contexto em que o Brasil se apresenta, é necessário rever algumas condições básicas para a superação de algumas mazelas históricas que se prologam ao longo do percurso. Um fator de grande importância e que deve ser considerado é a questão da sustentabilidade ambiental, que por hora deve ser percebida com outras características, como enfatiza Ferreira (2010, p. 266):

*[...] Precisamos transformar a riqueza de nossa biodiversidade e*

*de nossos recursos naturais em um ativo poderoso desta nova etapa de desenvolvimento, minorando os impactos sobre a natureza e os recursos naturais, evitando o desperdício e a poluição.*

Além disso, outro fator a ser destacado é a qualificação da educação em todos os níveis, haja vista que este, nesse contexto, é considerado como um dos principais suportes do desenvolvimento, pelo fato de ter a capacidade de proporcionar a possibilidade de ampliação e consolidação do atual processo de inclusão social e econômica e assim poder efetivar a erradicação total da pobreza no Brasil, com a garantia de condições para o surgimento de uma sociedade com oportunidades e direitos iguais para todos. Onde atenderá a demanda numa escala capaz de satisfazer às necessidades do mercado de trabalho, como corrobora Dermeval Saviani (2010, p. 261):

*A mudança desse eixo para educação permitirá um desenvolvimento com maior distribuição da renda e estimulador da igualdade social e, além de não apresentar efeitos colaterais negativos, já traz consigo o antídoto aos efeitos negativos, como se contata na educação ambiental, educação para o trânsito etc. [...] A adoção da educação como eixo do projeto de desenvolvimento nacional deixa, assim, o terreno da utopia para se converter, nas atuais condições, numa exigência objetiva do próprio processo de desenvolvimento econômico.*

Diante do exposto, acredita-se que se há cobrança por parte da população brasileira por uma educação de qualidade e a partir do momento que esta se efetiva dessa maneira, poder-se-á usufruir de novas gerações que possam viver como cidadãos de uma sociedade em harmonia com o meio ambiente, com a democracia do Estado de direito e com liberdade social.

Contudo, a contribuição do desenvolvimento cultural neste processo deve ser compreendida da dimensão simbólica em

geral e das artes em particular, visando a ampliação do acesso pleno aos bens e serviços culturais e sua completa universalização para todos os brasileiros, junto ao fortalecimento da economia da cultura, são partes de indissociáveis para o desenvolvimento do país.

Entretanto, percebe-se que com certa frequência reações de estranheza nos momentos em que, por alguma razão qualquer, é enfatizado a necessidade de se fortalecer a (inter) relação entre cultura e desenvolvimento no Brasil. E dessa forma, interpreta-se isso como uma maneira equivocada de se perceber a realidade socioeconômica do país e infelizmente muito comum no meio social. Porém, vale ressaltar que, esta concepção trata-se de uma herança herdada do passado que ainda ver o cidadão como significado de força brutal. Mas que pode ser resolvido a partir do momento que as pessoas comecem a perceber que não se pode conceber desenvolvimento ou tecnologia sem cultura, porque tudo está permeado de cultura e a esta é a base de toda e qualquer sociedade.

Como nos afirma Juca Ferreira (2010, p. 267):

*Enxergamos cultura em toda a trama social. A cultura humana é tudo o que resulta da ação humana, de suas interferências sobre o mundo. É tudo o que torna visível o pensamento do Homem sobre si mesmo e sobre o ambiente que o cerca. Todas as práticas sociais são diferentes formas de concretização da cultura de que fazemos parte.*

Diante do que foi exposto, acredita-se que ainda há um bom caminho a se trilhar até que os cidadãos brasileiros tenham um papel estratégico da cultura para o desenvolvimento do Brasil, especialmente no que se espera para todos.

#### **ASPECTOS PREPONDERANTES PARA A (INTER) RELAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO E A CULTURA**

É importante salientar que, é absolutamente coerente que um governo caracterizado e considerado neoliberal tenha enfraquecido um ministério responsável pelo

estímulo à dimensão criativa e inovadora da sociedade brasileira. Como já foi mencionado, anteriormente, a dimensão simbólica não faz parte do horizonte daqueles que, tradicionalmente, pensam no Brasil apenas na visão de caráter puramente econômico. Haja vista que é por meio do desenvolvimento cultural que a sociedade se capacita a produzir ideias e processos contra hegemônicos. E por esse motivo, percebe-se que a dimensão simbólica foi sistematicamente esvaziada enquanto dimensão relevante neste contexto, para o crescimento do desenvolvimento humano, tendo sido a condução da política cultural transferida para o controle das agências de marketing das grandes empresas.

Cabe mencionar que foi a partir do governo Lula que o Brasil pode se afeiçoar num cenário de profunda mudança da missão da cultura, como pondera Ferreira (2010, p. 274):

*Sintomaticamente, o orçamento para o setor cultural mitigou ao longo da última década em escassos 0,2% do total. Essa visão permaneceu vigente até a vitória do presidente LULA nas urnas – em grande medida impulsionada pela reação e pelo desejo de mudança, provocados pelos impulsos criativos e dinâmicos da sociedade brasileira. Como afirmou o ministro Gil em seu discurso de posse, a política cultural no governo LULA passou a ser vista ‘como parte do projeto geral de construção de uma nação realmente democrática, plural e tolerante. Como parte e essência da construção de um Brasil de todos.*

Diante dessa percepção, percebe-se que o cenário brasileiro já não mais o mesmo e que a política cultural passou a ser operacionalizada através de três dimensões basilares capazes de fundamentar a base desse projeto de intervenção política e que de certa forma é mantida até os dias atuais, ou seja, no governo Dilma.

Primeiramente, é necessário que a cultura seja percebida em sua dimensão simbólica. Onde a arte e a cultura estão intimamente interligadas com a construção inter-

pretativa de que se tem do mundo. Onde, acredita-se que é no campo da cultura é que se qualificam as relações sociais e é dela que se “dá liga” à cidadania. Pois, é através dela é que as pessoas se identificam como partes de uma mesma nação, tornando-os indivíduos capazes de ter uma nova postura perante o meio social.

Além disso, cabe mencionar um parêntese feito por Ferreira (2010, p. 276):

*O destaque que aqui se dá à amplitude do conceito de cultura em nenhum momento pode obscurecer a importância da arte para sociedade humana. Desde sua mais remota manifestação a arte está associada ao sentido da vida e à transcendência da condição humana. A arte é a parte mais sofisticada da cultura humana. Ela é sua essência. A arte é a cultura de todos recriada por um indivíduo; por isso cada obra de arte é única, insubstituível. A arte consegue essa façanha aparentemente impossível: unir o máximo de individualidade ao máximo de expressão coletiva.*

Contudo, além da dimensão simbólica, é importante considerar a cultura também em sua dimensão cidadã. Que aqui, apresenta-se diante da cultura como fator de inserção social, algo como de direito fundamental, como uma necessidade humana básica e essencial, tão importante quanto a alimentação do dia a dia, a moradia, educação e saúde. Esta dimensão é vista como algo sem o qual o ser humano não se realiza, ou seja, algo vital para o pleno desenvolvimento socioeconômico do país.

E, por fim, e não mais ou menos importante que a demais, diante desse contexto de formação basilar da cultura, é necessário considerar a cultura também como matéria-prima de um dos processos mais dinâmicos da economia. Além disso, é necessário considerá-la em sua dimensão econômica, algo em franca expansão em todo o planeta e já responsável, hoje em dia, por parcela considerável de nosso PIB, superando em muito vários setores tradicionalmente dinâmicos do mundo dos negócios.

## DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A CULTURA DO MARABAIXO NO ESTADO DO AMAPÁ

Sendo o Estado do Amapá um lugar exuberante pela sua fauna, flora e hidrografia, cercado de mitos e lendas, que reflete uma cultura carregada de costumes e tradições, é mais do que pertinente analisar as relações religiosas inseridas nas produções culturais e folclóricas que nascem aqui e traduzem um discurso religioso dialético capaz de atuar direta ou indiretamente na formação ideológica de um sujeito no espaço social. Por outro lado, levar esse debate para a sociedade amapaense é contribuir para uma melhor compreensão do contexto que envolve toda uma herança cultural e como a mesma possa intervir, através da efetivação da valorização da crença popular, como forma de manter e não deixar que os participantes da festa do Marabaixo caiam no esquecimento parcial de sua herança cultural.

Segundo as pesquisas de Canto (1998) a Festa do Divino Santo e Santíssima Trindade em Macapá, capital do atual Estado do Amapá está diretamente ligada aos aspectos profanos do Marabaixo, que por sua vez é uma manifestação de origem negra, caracterizada pela dança, pela música e rituais próprios. E a festa é dita assim enquanto festejo marcado no calendário de eventos religiosos e pela reverência aos santos católicos, mas também conhecida por Marabaixo, enquanto complexo ritualístico, ou seja, por sua totalidade, desde novenas à quebra da murta, desde as danças ao levantamento do mastro.

No que tange à etimologia da palavra MARABAIXO, os estudos registrados na pesquisa de Videira (2009) afirmam que pouco se sabe a respeito de sua origem, mas de acordo com algumas entrevistas de moradores da comunidade pesquisada, eles afirmam que este nome faz lembrança à penosa travessia dos africanos nas naus escravistas mar-a-abaixo, daí observa-se a evolução da língua por intermédio de um processo de formação de palavras (composição por aglutinação), originando-se o vocábulo Marabaixo. E que o mesmo é uma manifestação cultural de matriz africana que foi trazida para o Estado do

Amapá pelos africanos escravizados no Brasil, esta manifestação cultural tem seu ciclo iniciado logo após a Semana Santa, por isso apresenta uma data flexível, como acontece com o Carnaval, que altera-se a cada ano.

Videira (2009) ratifica que o Festejo do Ciclo do Marabaixo é praticado durante dois meses, a partir do domingo de Páscoa, nos bairros do Laguinho e Santa Rita. E que mesmo está ramificado em dois: o lado religioso e o lúdico. O primeiro envolve as ladainhas - nove para cada santo comemorado (Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade), rezadas em latim popular, missas, oferendas e promessas. O segundo é composto da dança propriamente dita, regado a gengibirra (bebida a base de gengibre e cachaça), cozidão (carne cozida com vários legumes), cantigas, dança e instrumento de percussão.

Entretanto, no que se refere ao lúdico, os participantes seguem num contínuo espírito de confraternização. Às vezes, algumas dançadeiras dançam de braços dados umas com as outras. Percebe-se que certos comportamentos podem gerar certos conflitos ideológicos no campo da religião, haja vista, que o Marabaixo sendo uma manifestação na qual muitos valores foram incorporados através dos anos e até nos dias de hoje, traz em seu bojo uma história de conflitos com a ideologia hegemônica da igreja católica, a qual se constitui um dos principais obstáculos à sua permanência como tradição, havendo, portanto uma situação dicotômica.

Pode-se dizer que a produção oral e escrita do Marabaixo tem suas limitações em sua distribuição e circulação na sociedade amapaense, pois pouco se tem nas universidades e no que tange o conhecimento científico, restringe-se a apenas alguns estudos teóricos e nada mais do que isso. E com relação ao ambiente escolar, em especial o que se refere ao estudo religioso, a situação é mais precária ainda, percebe-se que não há um trabalho nas salas de aula do ensino fundamental, onde a cultura local seja explorada e valorizada, pois a mesma muitas vezes carece da vontade do docente em desenvolver práticas educativas voltadas para tal situação. Sendo

assim, pode-se comprovar a importância de uma Educação de qualidade, pautada em conhecimentos culturais que retratam a verdadeira cultura do povo amapaense em prol de um pleno desenvolvimento do Estado.

Para tanto, observa-se nesse contexto descrito acima, a importância em desenvolver a promoção de atividades que incluem o Discurso religioso nas produções de Marabaixo perpassam pela perspectiva de conceber estas ações como dimensões de desenvolvimento econômico. Como por exemplo, se a sociedade amapaense está assistindo uma apresentação de um grupo de Marabaixo para muitas pessoas, a tendência natural é imaginar que somente os participantes daquela apresentação e suas canções fazem parte da cultura. Mas as tecnologias da produção das caixas de Marabaixo e de todos os artefatos de luzes, roupas, arranjos, também são cultura; as bebidas, em especial a gengibirra, comercialização de água, lanches, comidas típicas e etc. são produtos da cultura; o sistema de econômico de cobrança de ingressos e ou pagamento de cachês também é resultado de uma cultura; a tradição social de conagração coletivo nas festas de santos em praça pública igualmente é cultura; tudo isso faz parte uma simples apresentação de Marabaixo, produto de um tecido intrincado de diferentes culturas superpostas que convivem invisivelmente no mesmo momento. Enfim, a cultura de uma sociedade faz parte do desenvolvimento nas mais variadas dimensões (social, econômica, cultural e etc.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto apresentado, nota-se que muito da teoria do desenvolvimento econômico nos últimos anos não tem atendido as necessidades básicas como nos fornece a concepção do desenvolvimento e liberdade defendida por Sen. Entretanto, segundo uma pesquisa realizada para a elaboração deste texto, observa-se que os números apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelam que a economia brasileira ainda não conseguiu incorporar nem 20% dos brasileiros na maioria dos bens e serviços culturais, que 92% dos municí-

REFERÊNCIAS

BARROSO, Aloísio Sérgio & SOUZA, Renildo (orgs.). *Desenvolvimento: ideias para um projeto nacional*. – São Paulo: Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois, 2010.

CANTO, Fernando P. *A água benta e o diabo*. Macapá: Fundação de Cultura do Estado do Amapá (FUNDECAP), 1998.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. – São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza Edições UFC, 2009.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>. Acessado em 10/11/2013

pios não têm um cinema sequer, nem teatros ou museus, e menos de 14% dos brasileiros vão ao cinema uma vez por mês, entre várias outras informações, mas o que chama atenção é que este cenário também é o mesmo no Estado do Amapá.

Porém, muitos não sabem e não reconhecem que a cultura movimenta uma economia bastante significativa no desenvolvimento de nosso país. Então é necessário que se viabilize um maior acesso do cidadão aos bens culturais, que elimine os entraves à livre negociação. Portanto, a sociedade brasileira e, em especial, o povo amapaense, precisam de marcos legais regulatórios, para que essas políticas sejam de fato e de direito políticas públicas de Estado e não apenas de governo.

É preciso consolidar em lei todos os direitos dos bens culturais já conquistados, que por hora são pouco evidenciados no meio social, onde é possível perceber que estabelecer as interfaces entre desenvolvimento regional e cultura é um processo longo e árduo e, que tem muito que ser discutido e enfatizado.